

INTRODUÇÃO

A ideia fundamental de uma educação voltada para os jovens vem do fato de que através deles se reconstrói uma sociedade; por isso, o grande problema da sociedade é, antes de mais nada, educar os jovens (o contrário daquilo que acontece hoje).

O tema principal para nós, em todos os nossos discursos, é a educação: como nos educar, em que consiste e como se desenvolve a educação, uma *educação* que seja *verdadeira*, ou seja, correspondente ao humano. *Educação*, portanto, *do humano*, do original que está em nós, que em cada um se desdobra de forma diferente, ainda que, substancial e fundamentalmente, o coração seja sempre o mesmo. De fato, na variedade das expressões, das culturas e dos costumes, o coração do homem é *um*: o meu coração é o seu coração, e é o mesmo coração de quem vive longe de nós, em outros países ou continentes.

A primeira preocupação de uma educação verdadeira e adequada é *educar o coração do homem da forma como Deus o criou*. A moral nada mais é que continuar a atitude na qual Deus cria o homem, perante todas as coisas e na relação com elas, originariamente.

De tudo o que se deve dizer sobre a educação, para nós importam sobretudo estes pontos:

1. Para educar, é preciso *propor adequadamente o passado*. Sem essa proposta do passado, do conhecimento do passado, da tradição, o jovem cresce problemático ou cético. Se não se propõe privilegiar uma hipótese de trabalho, o jovem a inventa para si, de forma desconexa, ou então se torna cético, o que é muito mais cômodo porque não faz sequer o esforço de ser coerente com a hipótese tomada para si.

Em *Realtà e giovinezza. La sfida*, escrevi: “É a tradição conscientemente abraçada que oferece uma totalidade de olhar sobre a realidade, oferece uma hipótese de significado, uma imagem do destino”. A pessoa entra no mundo com uma imagem do destino, com uma hipótese de significado, que ainda não está desenvolvida em livros: é o coração, como dizíamos antes. “A tradição, de fato - prossegue o texto -, é como uma hipótese de trabalho com a qual a natureza lança o homem na comparação com todas as coisas”.¹

2. Segunda urgência: o passado só pode ser proposto aos jovens se for apresentado *dentro de uma vida vivida no presente* que ressalte a correspondência desse passado com as exigências últimas do coração. Ou seja: dentro de uma vida vivida no presente que dê as razões de si. Só essa vivência pode propor e tem o direito e o dever de propor a tradição, o passado. Mas se o passado

¹ L. Giussani, *Realtà e giovinezza. La sfida*, Torino, SEI, 1995, p.165.

não aparece, se não é proposto dentro de uma vida vivida no presente que procure dar as próprias razões, não é possível nem mesmo obter-se a terceira coisa necessária à educação: a crítica.

3. A verdadeira educação deve ser *uma educação para a crítica*. Até os 10 anos (talvez até antes, hoje em dia), a criança ainda pode repetir: “Quem disse isso foi a professora, quem disse isso foi minha mãe”. Por quê? Porque, por natureza, quem ama a criança coloca na sua mochila, sobre suas costas, aquilo que de melhor experimentou na vida, aquilo que de melhor escolheu na vida. Mas, a um certo ponto, a natureza dá à criança, a quem era criança, o instinto de pegar a mochila e de colocá-la diante dos olhos (em grego se diz *pro-bállo*, do qual deriva “problema”). Deve, portanto, tornar-se *problema* aquilo que nos disseram! Se não se tornar problema, nunca amadurecerá e será abandonado ou mantido irracionalmente.

Uma vez trazida para diante dos olhos, remexe-se dentro da mochila. Sempre em grego, esse “remexer dentro” se diz *Krinein, Krísis*, do qual deriva “crítica”.

A crítica consiste, então, em dar-se a razão das coisas, não possui um sentido necessariamente negativo.

Com efeito, o jovem remexe dentro da mochila e com essa crítica compara aquilo que vê dentro, isto é, aquilo que a tradição colocou sobre suas costas, com os desejos do seu coração: o critério último do juízo, de fato, está em nós, de outra forma nos alienamos. E o critério último, que existe em qualquer um de nós, é idêntico: é exigência de verdadeiro, de belo, de bom. Aquém ou através de todas as diferenças possíveis e imagináveis com que a fantasia possa brincar com essas exigências, estas permanecem fundamentalmente idênticas nos seus movimentos, embora se diferenciem por causa das várias conotações das circunstâncias da experiência.

A nossa insistência é sobre a *educação crítica*: o jovem recebe do passado por meio de um presente vivido com o qual se depara, que lhe propõe aquele passado e lhe dá as suas razões; mas ele deve pegar esse passado e essas razões, colocá-las diante dos olhos, compará-las com o próprio coração e dizer: “é verdadeiro”, “não é verdadeiro”, “duvido”. E assim, com a ajuda de uma companhia (sem essa companhia o homem está demasiado à mercê das tempestades do próprio coração, no sentido ruim e instintivo do termo), pode dizer: “sim” ou “não”. Assim fazendo, adquire a sua fisionomia de homem.

Tivemos muito medo dessa crítica, realmente. Ou então, quem não teve medo dela, aplicou-a sem saber o que era, não a aplicou bem. A crítica foi reduzida à negatividade pelo simples fato de uma pessoa tornar problema uma coisa que lhe foi dita. Eu lhe digo uma coisa, colocar uma interrogação a respeito dessa coisa, perguntar-se: “é verdadeiro?”, tornou-se igual a duvidar dela. A identidade entre problema e dúvida é o desastre da consciência da juventude.

A dúvida é o termo de uma indagação (provisória ou não, não sei), mas o problema é o convite a compreender aquilo que tenho à minha frente, a descobrir um bem novo, uma verdade nova, isto é, a obter disso uma satisfação plena e mais madura.

Sem um destes fatores: *tradição, presente vivido* que propõe e dá as razões, *crítica* - como agradeço a meu pai por ter-me acostumado a perguntar as razões de cada coisa, quando, todas as noites antes de dormir, me repetia: “Você deve se perguntar o porquê. Pergunte-se o porquê.” (ele dizia isso por outros motivos!) -, o jovem é folha frágil longe do próprio ramo (“Para onde vais?”, dizia Leopardi²), vítima do vento dominante, da sua mutabilidade, vítima da opinião geral criada pelo poder real.

Nós queremos - e é este o nosso objetivo - libertar os jovens: libertar os jovens da escravidão mental, da homologação que os torna mentalmente escravos dos outros.

Desde a minha primeira hora de aula, eu sempre disse: “Não estou aqui para que vocês considerem como suas as idéias que eu lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu lhes direi. E as coisas que lhes direi são uma experiência que é o resultado de um longo passado: dois mil anos”.

O respeito a esse método caracterizou, desde o início, o nosso empenho educativo, indicando com clareza o seu objetivo: mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida. Pela minha formação na família e no seminário, primeiro; posteriormente, pela minha meditação, estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário; tanto é verdade que até a Teologia, durante algum tempo, foi vítima desse desmoronamento.

Mostrar a pertinência da fé com as exigências da vida e, portanto - este “portanto” é importante para mim - demonstrar a racionalidade da fé, implica um conceito preciso de racionalidade. Dizer que a fé exalta a racionalidade quer dizer que a fé corresponde às exigências fundamentais do coração de todo homem. Com efeito, a Bíblia, no lugar da palavra “racionalidade” usa a palavra “coração”. Portanto, a fé responde às exigências originárias do coração do homem, igual em todos: exigência de verdade, de beleza, de bem, de justo (do justo!), de amor, de satisfação total de si que - como muitas vezes ressalto para os jovens - identifica o mesmo conteúdo indicado pela palavra “perfeição”(“satisfacere” ou “satisfieri” em latim é

² G. Leopardi, “Imitação” em *Giacomo Leopardi. Poesia e prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1996, p. 296.

análogo ao termo “*perficere*”, perfeição: perfeição e satisfação são a mesma coisa, como o são felicidade e eternidade).

Portanto, entendemos por racionalidade o fato de corresponder às exigências fundamentais do coração humano, aquelas exigências fundamentais com as quais o homem - querendo ou não, sabendo ou não - julga tudo, em última instância julga tudo, de modo imperfeito ou perfeito.

Por isso, dar a razão da fé significa descrever sempre mais amplamente, sempre mais densamente, os efeitos da presença de Cristo na vida da Igreja, na sua autenticidade, aquela cuja “sentinela” é o Papa de Roma. É a mudança da vida, portanto, que a fé propõe.

O delito está em conceber, propor e viver a fé como uma premissa que não é mantida, como uma premissa que não tem a ver com a vida. Com a vida: a vida é hoje, porque ontem não existe mais, amanhã não existe ainda. A vida é hoje. Eu ousou dizer aos jovens que aquilo que de algum modo não tem a ver com a minha experiência de hoje, com a minha experiência presente, não existe; simplesmente não existe. Por isso, um Deus que não tem a ver com aquilo que agora, hoje, eu experimento, não tem a ver de modo algum: não existe, é um Deus que não existe, é um Cristo que não existe, é um corpo de Cristo que não existe; estará na cabeça dos teólogos, mas não em mim, não pode estar em mim.

A separação entre céu e terra é o delito que tornou o senso religioso, melhor ainda, o sentimento religioso, vago, abstrato como uma nuvem que corre no céu e logo se esvai, enfraquece e desaparece, ao passo que a terra fica dominada - querendo ou não - em última instância, como foi com Adão e Eva, pelo orgulho, pela imposição de si, pela violência. O rabino de Roma, Elio Toaff, escreveu num recente livro:³ “A época messiânica é justamente o contrário daquilo que quer o Cristianismo: nós, hebreus, queremos levar Deus à terra e não o homem ao céu. Nós não damos o reino do céu aos homens, mas queremos que Deus volte a reinar na terra”. Quando eu li, pulei na cadeira! Esta é justamente a característica do carisma com que percebemos e sentimos o Cristianismo, porque o Cristianismo é “Deus na terra” e a nossa obra, toda a nossa vida, tem como objetivo a glória de Cristo, a glória do homem Cristo, do homem-Deus Cristo. A glória de Cristo é uma coisa temporal, do tempo, do espaço, da história, na história, aquém do último limite, porque no além só Ele pensa em dar-se glória: coincide com o eterno de lá, mas aqui, se eu não O sirvo, a Sua glória é menor.

Quando estava no liceu, e escutava os meus diretores espirituais - especialmente um certo padre Motta, velhinho perspicaz - o que mais me impressionava de tudo o que me diziam era esta frase: “Se você não faz sacrifícios, não reza como deve e não faz seus deveres, a glória de Cristo é menor”. A idéia de que eu pudesse tornar menor a glória de Cristo me humilhava; o que quer

³ E. Toaff - *A Elkann, Essere ebreo*. Milão, Bompiani, 1994, p.40.

dizer que antes já tinham me comunicado a experiência de velhos, isto é, de homens maduros e grandes na fé, já tinham me comunicado o amor a Cristo.

Em *Stabat Mater*, de Dvorák - quase tão belo quanto o de Pergolesi - a um certo ponto o baixo canta: “Fac ut ardeat cor meum in amando Cristum Deum, ut sibi complaceam (para que lhe agrade)”. Sendo que uma das características desse *Stabat Mater* é o indefinido repetir-se das frases, fiquei marcado por essa estrofe, porque vi nela aquilo que me separa dolorosamente da grande maioria daqueles que estão ao meu redor: “ut ardeat...”, a totalidade com que Cristo se impõe, a ponto de se tornar a lei da ação quotidiana. “Na experiência de um grande amor - escreveu Romano Guardini - tudo se torna um acontecimento no seu âmbito”.⁴ Tudo: quer chova, quer faça um lindo dia; que uma coisa vá bem ou mal; o trabalho, a paz, a música, o respiro, a doença... tudo se torna um acontecimento no seu âmbito. Essa frase vale para o amor entre um homem e uma mulher quando é forte, quando é sincero, quando é transparente; vale para o amor que se sente por um amigo: é igual. Se a fé indica o envolvimento de Deus com o humano agora - agora: o humano, agora! - expressões como a de Guardini são bem compreensíveis.

O segundo capítulo da carta de São Paulo aos Gálatas diz: “Minha vida presente na carne [carne é aquilo que é definido no tempo e no espaço; define-se no contingente] eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim”.⁵ É possível conceber uma fé fora dessa emoção que nasce de uma experiência presente (amanhã será experiência presente no amanhã!)? Eis, a persuasão da qual nascemos é esta: não é possível conceber a fé de outro modo, seria absurda e seria absurdo aderir! Não há amigo que me siga que não perceba isso. Pode errar, pode ser mil vezes incoerente, pode ser pecador como eu; mas o caminho é esse.

Lembro que a minha primeira aula no Liceu Berchet foi na turma “1º. E”. Dirijo-me à cátedra e, já no fundo à esquerda da sala (na última carteira mesmo), alguém ergue o braço. Eu penso: “Meu Deus, já existe um problema antes de eu começar!”. “Diga, por favor” (depois vi na lista de presença da classe que aquele rapaz se chamava Pavesi: me lembro muito bem, depois de quarenta anos!). “Professor, é inútil que o senhor fale de Religião, porque para falar é preciso raciocinar, o senhor deve usar a razão; utilizar a razão em relação à fé é inútil porque são duas linhas oblíquas, nunca vão se encontrar: a razão pode dizer uma coisa e a fé uma outra. São dois mundos diversos!”.

Então eu, um pouco tocado pela pergunta que sinceramente não esperava, digo: “Desculpe, o que é a fé?”. Ele olha ao redor; os colegas riem bobamente. Então pergunto vigorosamente à turma: “Quem de vocês sabe o que é a fé ? Quem sabe descrevê-la, defini-la, como queiram ?”. Eles ficaram sérios e ninguém respondeu.

⁴ R. Guardini, *L'essenza del Cristianesimo*, Brescia, Morcelliana, 1949-1980, p. 12.

Encorajei-me e disse com voz mais forte: “Diga-me, por favor, o que é a razão?”. Idêntica situação. E, dirigindo-me à turma: “Que é a razão?”. Ninguém respondeu.

Então, peguei o embalo - naturalmente - e disse: “Como? Vocês falam de fé e de razão sem saber o significado das palavras que usam? Isso é uma vergonha, não é digno de vocês! Vocês são jovens, devem entrar na vida com clareza, com sinceridade; a respeito do que não sabem, devem dizer: “Não sei”, mas não falem a respeito, não julguem!”. Estava saindo da sala e encontrei o professor de Filosofia, um tal professor Miccinesi, que eu já tinha desconfiado durante a conversa ser a origem dessa situação. Disse-lhe: “Professor, esses rapazes, sem querer, são um pouco desleais porque usam palavras das quais não sabem o sentido e com essas palavras julgam”. Ele me perguntou: “Quê?”, e eu lhe contei o que tinha acontecido. E ele: “Eles têm razão”. “Como? O senhor também?”. Disse-me: “O Concílio Arausicano II define que a fé e a razão são contrárias uma à outra”. “Veja bem - respondi - eu ensinei Teologia durante alguns anos, mas não me lembro mesmo de que houvesse esta verdade para ser comunicada aos seminaristas. De qualquer modo, se tivesse feito isso, agora digo que eu era louco. Ao invés, o senhor que é historiador, deve mesmo saber me dizer que, segundo a hermenêutica histórica, um trecho de discurso, uma meia página, deve-se julgar, como sentido das palavras, no interior do clima de consciência e de mentalidade que dominavam numa determinada época”. Fazia essa comparação aos rapazes: se eu dissesse: “Il faut se coucher avec les poules” uma pessoa que não soubesse francês se impressionaria com o meu conselho de ir dormir com as galinhas..., pelo menos como diante de uma extravagância. Quem conhece francês sabe que é um modo de dizer. Mas eu devia prosseguir - e toda a classe estava amontoada no corredor (se o diretor chegasse nos advertiria!) - então eu disse ao professor (com efeito não queria ir embora sem que os rapazes tivessem entendido alguma coisa, que retivessem ao menos uma coisa): “Ouça, professor, eu juro que o senhor está na minha frente: é racional ou não?”. E ele: “Sim, é evidente para o senhor.”. “Eu lhe juro e com tamanha certeza eu afirmo que a América existe, eu nunca a vi (estava convencido então de que jamais iria lá; ao invés depois - infelizmente - fui muitas vezes, até demais!). Mas eu agora lhe digo que a América existe prescindindo do amanhã, do depois de amanhã, se posso ir ou não. Segundo o senhor, isto é ou não racional?”. Preferiu - como Ugo Spirito num famoso debate com Bontadini no Centro San Fedele⁶ - preferiu ser coerente consigo mesmo e disse: “Não, não seria racional”. “Eis, rapazes - exclamei - o que me diferencia do seu professor não é que eu creia e ele não, que eu creia e vocês não creiam, mas que eu tenho um conceito de razão pelo qual que a América exista é racionalmente preferível, racionalmente afirmável, agora, por mim. Para ele,

⁵ Cf. *Gl* 2,20.

⁶ Faz-se referência ao debate no Círculo de encontros sobre “Liberdade e Valor”, ocorridos no Centro Cultural S. Fedele, de Milão, nos dias 12-13 de março de 1959.

não. Assim, fiquem atentos ao seu professor - continuei a falar diante dele - fiquem atentos a ele, porque pode induzi-los a ter um conceito de razão pelo qual afirmar que a América exista sem tê-la visto não é racional, como, ao contrário, afirmar alguém que está diante dos meus olhos é racional. Estou mais seguro de que a América exista do que do fato que ele esteja diante de mim”. Desse modo, introduzi o conceito de “certeza moral”.

Quero salientar com isso que se a fé não tivesse a ver com a racionalidade, a fé não poderia ter relação com a vida, porque a racionalidade é o modo de viver típico do homem.

Tudo o que eu disse fundamentou todo o posicionamento teórico do Movimento que Deus me deu a graça de ver, e que se originou do gosto pela racionalidade, do gosto pela clareza de conceber a racionalidade, do gosto por vivê-la continuamente no ato que se realiza. Inclusive, estando nisto sozinhos, no mundo cultural de então e de hoje: é como se entre uma razão fraca e o niilismo de hoje, a força e a densidade reveladora do sinal fosse afirmada. Não existem apenas a razão fraca e o niilismo: existe esse misterioso, mas real, experimentável fenômeno de uma realidade que é sinal de uma outra. A fé é a exaltação do sinal, do valor do sinal. Assim, a racionalidade entre nós tornou-se a busca de um modo autêntico de perceber a realidade, julgando os acontecimentos, encontrando sua correspondência às exigências constitutivas da nossa alma e do nosso coração, como diz a Bíblia. Pretendíamos, dessa forma, traduzir a antiga sentença escolástica: a verdade é uma “adequatio rei et intellectus”⁷, uma correspondência do objeto com a auto-consciência, com a consciência de si mesmo, isto é, com a consciência daquelas exigências que constituem o coração, que constituem a pessoa, sem as quais ela seria nada!

Portanto, a fé é proposta como a suprema racionalidade. A frase, dita dessa forma, pode ser criticável, mas é necessário entender o que queremos dizer. A fé é proposta como apoiada no supremo vértice da racionalidade: quando alcança o seu vértice ao examinar uma coisa, na percepção de algo, a nossa natureza humana percebe que há algo de outro. Isto define a idéia de sinal: a nossa natureza percebe que aquilo que vive, aquilo que tem nas mãos, remete a outro. Chamamos isso de “ponto de fuga”: é o ponto de fuga que está em toda experiência humana, isto é, um ponto que não fecha, mas remete a. Isso é um outro conceito fundamental do nosso ensinamento.

A fé, portanto, é proposta como a suprema racionalidade, porque o encontro com o acontecimento que a veicula, gera uma experiência e uma correspondência ao humano impensável.

João e André, quando foram para a casa de Jesus, naquela tarde, e ficaram lá olhando-o falar, voltaram depois para suas casas dizendo: “Encontramos o Messias”. E o texto não

⁷ Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae* I, q. XVI, art. 1 e 2.

menciona o que tenha dito; sabe lá o que tinham entendido do que Jesus dissera! Mas era claro que não existia ninguém como aquele homem, porque era algo além. E foi a pergunta que lhe fizeram depois de um certo tempo, quando em meio ao mar bravio ele fez o milagre de acalmá-lo imediatamente. E os seus discípulos (que conheciam o pai, a mãe e os irmãos dEle, onde morava: sabiam tudo dEle, porque já fazia alguns meses que estavam entrosadíssimos), apavorados, perguntavam-se: “Mas quem é este?”. O que era aquele homem era tão desproporcional ao que podiam pensar, imaginar, esperar, que não conseguiam explicar: estava além da razão. Este é o processo pelo qual a fé acontece em mim, em você, em qualquer um, com a graça de Deus, naturalmente! Aquela que faltou ao meu grande “amigo” dos primeiros anos, Leopardi, que é o autor que todos os meus amigos, junto comigo, conhecem.

Eu lembro quando, na oitava série, tive a primeira intuição de todas essas coisas; não as explicou o professor, mas eu as entendi lendo a poesia de Leopardi *À Sua Dama*, quando se dirige com um hino alado à beleza, não à beleza que é a tal mulher, ou outra mulher (de todas as amantes que ele teve), mas à beleza com “B” maiúsculo, aquela à qual diz: “De contemplar-te viva / Já não tenho esperança; / Talvez enfim, quando desnuda e só, / Por nova senda à estranha vizinhança, / Surgir minha alma. Logo no princípio / De minha caminhada escura e avesa, / Julguei-te peregrina em meio ao pó. / Mas nada te recorda sobre a terra. / E ainda que alguma outra se pareça / A ti no rosto, em gesto ou fala, eis que ela / Seria, mesmo assim, bem menos bela.”⁸. “Talvez enfim ...”, quando entrar em um outro mundo, em uma outra terra... Entendi, lendo esta poesia na oitava série - em maio, na minha oitava série - que Leopardi tinha intuído. E, de fato, o hino *À sua dama* termina com aquela alada estrofe: “Se das idéias puras / Uma és tu, [se você é uma das idéias de Platão, ó Beleza, que mora em alguma estrela], [...] Ou se outra terra em cíclicas espiras / Te acolhe entre universos infinitos / [em outros mundos] [...] Recebe, de onde o tempo é infausto e breve, / Deste amante ignoto o hino que ele escreve”. Quê?! “amante ignoto”, a ela, ela presente entre nós: a Beleza tornada homem, carne - *carne!* - e desconhecida de todos nós. Não foi ela que não se dignou a carregar esta carne mortal, mas carregou-a entre nós, carrega-a entre nós, e nós estamos distantes dela. Em suma, eu disse: “Isso é o primeiro capítulo de São João: ‘O verbo se fez carne’”.⁹

Este foi o momento mais decisivo da minha vida cultural. Digo “cultural” de tanto que a fé tem a ver com a razão. E já naquela época intuí, mais ou menos, o que eu disse antes: que a fé responde às exigências do coração mais do que qualquer outra hipótese; por isso é mais racional do que qualquer outra hipótese racional. A fé é proposta como a suprema racionalidade, porque o

⁸ G. Leopardi, “À sua dama”, em *Giacomo Leopardi. Poesia e prosa*, op. cit., pp.233-234.

⁹ *Jo* 1,14.

encontro com o acontecimento que a veicula gera uma experiência e uma correspondência ao humano impensada, impensável.

Aquela intuição da oitava série foi-me depois confirmada quando, para fazer o exame final do colegial, li o ensaio de Giulio Augusto Levi sobre Leopardi.¹⁰ Imaginem a minha surpresa quando cheguei ao ponto no qual Levi faz do hino *À sua Dama* o ápice do itinerário de Leopardi, depois do qual escorregou para *A Giesta ou a flor do deserto*. Leopardi não soube resistir e não houve ninguém ao seu redor, nenhuma amizade, nenhuma companhia que o tenha empurrado e sustentado para dar o pequeníssimo passo que devia ter dado: fazer a comparação com o primeiro capítulo de São João. Aquilo a que você aspira, aquele hino à beleza que você esperava encontrar desde criança pelas ruas deste mundo, isto aconteceu realmente: é o anúncio cristão, é a mensagem cristã. E o crítico mais famoso daquela época apoiava essa interpretação.

Quando um amigo nosso, há pouco tempo, foi entrevistar a última descendente de Leopardi, ela lhe disse que não queria mais ver nenhum crítico e nenhum jornalista, porque ninguém entendia Leopardi; era só esse o motivo pelo qual - que a desculpasse! - não podia atendê-lo. Enquanto ela dizia a última palavra, ele falou: “Veja bem que eu li Giulio Augusto Levi”. Ela parou e, de repente, voltou-se e disse: “Como? O senhor, tão jovem, leu Giulio Augusto Levi? É a primeira vez que ouço citá-lo: só ele o interpretou corretamente, sobre aquele ponto!”

É só para dizer que não somos ingênuos, tanto é que quanto mais falamos, quanto mais avançamos em idade, tanto mais experimentamos o gosto... e a miséria dos homens, de quem desconhece, aflige mais o nosso coração, e agradecemos a Deus antes de mais nada por nossa mãe, porque sem ela a Igreja não nos teria alcançado.

“Têm entre si um respeito inconcebível aos outros”, diz a *Carta a Diogneto*.¹¹ “Respeito”: etimologicamente quer dizer olhar para uma coisa mantendo no campo de visão uma outra, mantendo-a presente com o canto do olho: olhar tudo o que existe, percebendo a presença de um outro, olhando a presença de um outro. Em suma, uma pessoa pode estar cheia de erros, de enganos, de incoerências, mas a sua vida como cristã é a fé, e a fé é isto: consciência de uma presença que está dentro da órbita de qualquer experiência presente.

“Existe um ponto de chegada - dizia Kafka - mas nenhum caminho”.¹² E esta é uma outra passagem importante. A fé é exatamente o caminho para aquilo que a razão busca acima de qualquer coisa. Em última instância, o que busca a razão, senão o sentido da vida, o sentido da existência, o sentido de tudo? E toda a filosofia contemporânea resignou-se em dizer: haverá um significado? Os trezentos, que caminhavam com o nosso grande cardeal Martini, representavam

¹⁰ G. A. Levi, *Giacomo Leopardi*, Messina, Principato, 1931.

¹¹ Cf. “Epístola a Diogneto”, em *Patrologia Graeca II*, aos cuidados de J. P. Migne, Paris, 1857, cap. V.

¹² Cf. F. Kafka, *Il silenzio delle sirene. Scritti e Frammenti postumi. (1917 - 1924)*, Milão, 1994, Feltrinelli, p. 91.

trezentas religiões diferentes, mas todas expressavam a presença de um sentido - como a frase de Kafka - de um sentido que existe, mas tão misterioso que não se sabe como pensá-lo; não existe o caminho!

Há dois mil anos, o próprio sentido veio entre nós para nos dizer: “Eu sou o caminho, a ressurreição, a vida”.¹³ Foi o único homem que falou assim na história do mundo!

Permito-me acrescentar só mais uma última coisa. O evento de que trata a fé é um acontecimento que é preciso viver, não ler ou discutir: um acontecimento se vive, caso contrário, não é adequado colocarmo-nos diante dele. O grande exegeta Heinrich Schlier dizia num livro muito famoso: “O sentido último e peculiar de um evento, e portanto o próprio evento na sua verdade, abre-se (isto é, comunica-se) somente e sempre a uma experiência que se abandone a ele e que neste abandono busque interpretá-lo”.¹⁴ “A uma experiência”: um evento se manifesta a quem participa da experiência dele; manifesta-se somente a uma experiência que é verdadeira, se for adequada ao evento em questão. O evento em questão é que Deus se fez carne, homem e está presente: “Estarei convosco todos os dias”.¹⁵ Está presente, está presente todos os dias! É preciso abandonar-se a essa mensagem, abordar a experiência segundo as conotações dessa mensagem. Ele disse que estaria presente a cada dia na comunidade dos que crêem, que os junta e que os faz serem o seu corpo misterioso. É preciso que nós nos abandonemos a essa presença e vivamos a nossa vida no interior dessa presença, sob a influência dessa presença, julgada por essa presença, iluminada por essa presença, sustentada por essa presença.

O Cristianismo é um evento: é preciso submeter a ele a vida, a vida inteira no instante. Como “na experiência de um grande amor - recordava Guardini - tudo se torna um acontecimento no seu âmbito”, do mesmo modo é preciso submeter ao evento cristão toda a história da nossa vida.

Gostaria de fazer uma observação. Por sua natureza, uma postura desse gênero é ecumênica. Um conceito de fé, como o descrito, na sua relação com a razão - a fé é resposta final àquilo que o homem vive como exigência suprema pela qual é feito, para a qual a razão não pode e não sabe encontrar resposta; todavia, se for seguida, a razão leva àquele ponto em que a pessoa diz: “Aqui remete a outro. Portanto, é um sinal. Tudo é sinal de algo de outro!” - e, em segundo lugar, a idéia do Cristianismo como acontecimento - por isso a grande lei para entender a fé, sendo que essa é “a sinalização” de um evento, de um acontecimento, não uma palavra ou um pensamento, é participar do próprio evento, de forma adequada na medida em que se é capaz e pedindo a Deus

¹³ Cf. *Jo* 14,6.

¹⁴ H. Schlier, *Linee fondamentali di una Teologia Paolina*, Brescia 1985, Queriniana, p. 119.

¹⁵ Cf. *Mt* 28,20.

que nos torne capazes - ambas essas coisas favorecem o que agora parece ser a palavra mais ponderosa e grave do problema religioso: o “ecumenismo”. Por sua natureza, o Cristianismo é ecumênico e a fé cristã é ecumênica; considerando-se verdade, não só não teme comparações, mas de cada encontro, antes de mais nada, tira o que é verdadeiro, aquilo que já é seu, construindo o próprio rosto na história com essa magnanimidade pela qual de tudo aquilo que encontra olha o aspecto verdadeiro, ou exalta-o, diz se é justo, se é bom, se é verdadeiro. E se constrói com tudo aquilo que encontra, não exclui nada, não julga nada: afirma aquilo que lhe foi dado, afirma aquilo que é.

Ao invés, quem é consciente de não possuir a verdade, mas uma imagem questionável, discutível dela, não pode deixar de se defender, de ficar na defensiva, abandonando o resto, no máximo - na melhor das hipóteses - a uma tolerância. Nós estamos acostumados a buscar cada coisa, *cada coisa*, por aquele pouco de bem que possa haver dentro e exaltá-la, senti-la fraterna, companheira de viagem. Portanto, é um abraço universal. Por isso se começa a colocar-se junto. Estar junto, aquilo que os jovens iniciam criando família, é um abraço que se dilata, não se restringe, mas se dilata a todo o mundo, por sua natureza sofre pelo mundo, aflige-se pelo mundo, participa da pena que Cristo na cruz sentiu pelo mundo, e sente a ressurreição, o palpitar da ressurreição naquilo que de bom existe em toda a parte e em qualquer pessoa.

“Veritas Domini manet in aeternum”:¹⁶ aquilo que é verdadeiro permanece para sempre. Este é o nosso conceito de ecumenismo, e nisto nos sentimos profundamente discípulos do Cardeal Martini, porque é a essa magnanimidade que nos convida em tudo aquilo que diz. Mas também porque “ecumenismo” é o nosso verdadeiro conceito de cultura. Os primeiros cristãos não utilizavam o termo “cultura”; começaram utilizando esse outro termo: “*Oikouméne*”, “ecumenismo”. A cultura é um princípio do qual se busca explicar todo o resto, da forma como é possível, construindo como é possível. O princípio pelo qual abraçamos tudo, a origem dessa magnanimidade é Cristo presente entre nós, Cristo experimentado entre nós: a fé.

Assim compreendemos como a fé cristã entrou no mundo da época, onde imperava a *pax romana*, mas onde uma pessoa estava muito distante da outra e onde a lei dos relacionamentos era a violência - pouco ou muito; o Cristianismo entrou portando a “*eirene*”, a paz. Porque Cristo é a nossa paz, e isto é aquilo a que mais aspiramos como promessa e antecipação. Promessa do eterno: a paz lá onde convivemos.

Luigi Giussani

Junho de 1995

¹⁶ Cf. *Sl* 117.